



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Delinquência de Menores DISCUTIDA EM SEMINÁRIO

A maioria
dos velhos
é arrumada
nas prateleiras
— pelos próprios
filhos!...
Uns, e está certo,
por falta
de espaço
ou de meios
para o seu
sustento
ou por terem
emprego
fora da Pátria...

● Em África, na região que conheço, velho quer dizer autoridade, conselho, respeito e carinho. Entre nós, velho nem se diz; escreve-se idoso e terceira idade e quer dizer, salvo muitas excepções, peso, arrumado e esquecido.

Há dias, vi numa casa de férias para a dita terceira idade um bailarico ao som de um gravador, organizado por eles. Pés pesados, rostos sem expressão, sorrisos fugitivos e vagos. Alguns deles ainda muito capazes numa tarefa útil ao bem-comum. Útil também para eles, pois sentir-se-iam realizados e válidos. Mentalizados, porém, à arrumação pela segurança do estar e do comer — perderam a alegria.

A maioria foi arrumada nas prateleiras — pelos próprios filhos!...

Uns, e está certo, por falta de espaço ou de meios para o seu sustento ou por terem emprego fora da Pátria.

Outros, porém, porque os pais se tornaram peso e estorvo.

Para nossa edificação e conforto, há tantas famílias a darem-nos exemplos enternecedores de carinho pelos pais:

Uma delas está construindo sua habitação. A primeira preocupação no projecto foi um quarto grande — e o mais bonito — para os pais! Tão lindo! Outras — filhos e filhas —

NOTAS DA QUINZENA

que até ao fim da vida de seus pais os tratam com o modo e carinho que eles receberam quando bebés.

Um mal necessário e remendo pobre: os Lares de terceira idade — nascidos mais da crise da moral familiar, do nosso egoísmo e de ideias anti-família que do autêntico amor cristão e evangélico.

● De facto, maior que todas as crises e mais profunda — a minar raízes — é a espiritual e familiar. Do fosso safu a licença de fazer tudo — perante a complacência tola de todos.

Bem no fundo, a caracterizá-la, o esquecimento de Deus. O homem prescindiu d'Ele. Fechou-se dentro de si próprio. O seu egoísmo roubou a paz ao seu coração, ao seu lar, à sua cidade.

O mais doloroso é termos perdido os carreiros que levam aos Irmãos. Em nosso prédio

e cidade não encontramos os «outros»... Estamos sós!

● Por tudo, a nossa sociedade doente e triste exige dos cristãos uma adaptação e actualização do seu estar no meio do mundo. Uma Caridade inventiva — que ultrapasse o ceguinho a tocar na rua e o pobre que mostra a perna deformada.

Todos vemos que não é tanto a falta de coisas, mas muito mais — a falta de amor e de entendimento mútuo.

Sobretudo, não podemos estar alheios às injustiças e a todas as causas que matam a fraternidade.

Estejamos atentos — para chegarmos em primeiro lugar ao local do desamor... Tantas vezes somos nós os últimos!

Só um regresso às virtudes familiares.

Padre Telmo

Assim rezava a epígrafe da breve notícia inserta em um matutino de Lisboa e tal qual a tomo.

O Seminário decorreu no Centro de Estudos Judiciários e apresentou o seguinte estado da questão: «A delinquência de Menores atinge proporções assustadoras e com ela se debatem autoridades, juizes e assistentes sociais, instituições de segurança social, psicólogos, escolas e professores, pais e educadores, as comunidades locais e a sociedade em geral».

Dai, a decisão tomada de «chamar as famílias e os pais às suas responsabilidades morais, sociais e económicas, de de que se não podem demitir. Chamar todos, os Menores incluídos, à formação de uma consciência social e demonstrar com actos e atitudes, que se quer o bem do Menor em cada caso concreto».

Esta decisão sai do referido Seminário. Não sei é quem foram os participantes nem a força que terão para realizar esta chamada geral, a principiar pelos Responsáveis na Coisa Pública, aos quais eles próprios atribuem, como «causa principal, a falta de vontade de mudar a situação de degradação dos Menores».

Eu até penso que não faltará vontade política... O que falta é a atenção e o tratamento prioritário que este problema reclama, talvez porque outras urgências prometem maiores dividendos políticos... Falta legislação, necessariamente simples, estrutural, capaz de atender o leque imenso de casos concretos «cujo bem se quer». E, sobretudo, tem faltado a autoridade para fazer cumprir leis que há.

Falta a coerência entre todas as partes do sistema social que, mediata ou imediatamente, influem no comportamento dos Menores.

Falta uma instituição familiar saudável que alguns — é verdade! — têm procurado e conseguido enfraquecer sob falsos argumentos de libertação do homem.

... Incapaz de esgotar as omissões e acções causais de um panorama tão sombrio,

debrucemo-nos sobre alguns. A Família, pois, em primeiro lugar.

Se fôssemos às histórias dos Rapazes que vivem sob os nossos tectos e às da legião deles que aguarda lugar, teríamos matéria para um tratado sobre a demissão moral, social e económica de multidão de famílias. E esta demissão acontece à luz do sol, sob o olhar das autoridades que se preocupam mais em resolver casos pontuais do que em preveni-los. Há dezenas de anos que temos diligenciado alertar os Responsáveis para este mal, sem resultado prático.

Os problemas dos Menores são, quase sempre, reflexo de problemas familiares. Não se pode resolvê-los fora deste contexto, sem remédios que visem o problema global. É indispensável, em cada caso, fazer-se o diagnóstico familiar, «para se poder saber — como dizem os intervenientes neste Seminário — até onde deve ir o socorro e apoio moral, escolar e económico do Estado, através das várias instituições que concorrem para resolver a situação do Menor».

A dimensão deste socorro, por muito grande que seja, é sempre desproporcionada «às proporções assustadoras» do problema. A deixá-lo crescer nas causas, onde?, quando se atingirá o ponto de equilíbrio? E ainda que houvesse meios de o atingir, haveria erro de princípio. O papel das Instituições, quer do Estado, quer Particulares, deve ser sempre supletivo, reservado aos casos extremos em que, por ausência total de família própria ou pela sua incapacidade reconhecida como insuperável, haja de dar-se ao Menor uma família de substituição. Se o problema vem apenas do económico, responde a Segurança Social no seio das famílias. Se vem de distúrbios morais — e infelizmente é daqui que vem, hoje mais que nunca, a esmagadora maioria dos casos — haja leis fortes e mecanismos dextros para as pôr em acção, que previnam a demissão das famílias, epidemia que cresce sem tráfego.

Cont. na 4.ª pag.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

FORMAÇÃO PROFISSIONAL — A nossa oficina de serralharia encontra-se preparada para mais um curso de serralharia civil, de formação acelerada.

Tudo está previsto para começar no corrente mês. Sendo assim, no final de ano haverá mais rapazes com um curso para encararem a sua vida futura. Neste momento a falta de emprego é um ponto difícil de vencer, mas muito mais para quem não tenha profissão definida.

Aguardamos, contudo, que todos os participantes do curso se dediquem com toda a força de vontade, para depois encararem com mais tranquilidade o seu dia de amanhã.

CARIAS NOVAS — Os pedidos de admissão de rapazes, para a nossa Casa, são constantes; todos ou quase todos os dias no correio não faltam cartas. Mas a nossa Casa encontra-se cheia. Há pouco tempo chegaram à nossa Aldeia mais três caras novas: o Marcos, o «Cuco» e o «Papagaio».

De todas, a cara mais alegre que apareceu foi o Paulo, um pequeno de 10 anos. Veio para a nossa Casa passar uns meses, para se resolver o seu grave problema. É um pouco surdo e mudo. É uma cara alegre de manhã à noite. As poucas palavras que pronuncia faz com que todos se riam. Mas o mais engraçado é ouvi-lo a contar; ele sabe contar até dez, mas a sua pronúncia dos números faz com que todos se riam.

Tentaremos ajudar o Paulo a libertar-se um pouco do seu problema e a sentir-se feliz na nossa comunidade.

RÁDIO RENASCENÇA — Uma vez mais, um elemento da Rádio Renascença esteve em nossa Aldeia a fim de fazer uma reportagem da nossa vida desde as horas de trabalho às de recreio, da casa-mãe à lavoura — reportagem completa!

No dia em que a mesma foi apresentada muitos foram aqueles que se encostaram ao rádio a fim de ouvir todas as suas intervenções.

VENDEDORES DO JORNAL — A venda do nosso jornal é uma alegria para os nossos rapazes e para todas as pessoas que o recebem pelas suas mãos.

Dentro em pouco aparecerão novas caras para dar continuidade ao trabalho realizado pelos ausentes. A saída de alguns dos vendedores relaciona-se com a idade já um pouco avançada; outros devido a problemas escolares; a sua entrada no ensino secundário diurno faz com que seja alterado todo o sistema existente por se encontrarem ocupados nos dias de distribuição de O GAIATO.

Esperemos que os novos mensageiros da nossa Obra cumpram com todo o carinho e dedicação toda esta missão, por vezes ingrata, mas todos os problemas não-de ser vencidos por amor à Obra da Rua, e a todos os rapazes abandonados.

Carlos Alberto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Não atendemos só os casos extremos, dos quais alguns s'arrumam... e passam a batata quente. A problemática (social, espiritual) do meio em que vivemos, laboratório de ciências humanas, seria aliciente para os estudiosos!

Hoje, para a nossa frente um homem vergado ao peso dos anos — e da doença. Toda a sua vida foi de trabalho duro, em profissão dita humilde: funcionário de limpeza numa Câmara municipal.

— Foram mais de trinta anos! Nunca falei o serviço; nunca! Mesmo quando me davam oiras na cabeça...

Homem de trabalho! Português de lei!

— Aquela fumarada dos carros punha-me tolo... E com esta doença já não m'agantava mais...!

— Até que um dia foi de vez!

— Já não podia mais...! Os meus filhos todolos dias diziam p'ra dar baixa, passar à reforma. Até q'um dia sempre foi. Custou muito! Chega a hora do comboio...; eu em casa! Inté chorava. Depois chorei ainda mais...!

— E a pensão de reforma?

— Como em trinta anos nunca falei o serviço, e tenho a folha limpa, fui logo atendido. Deram-me uma boa reforma. Dá p'ra gente viver, p'ra me tratar com os rumédios em condições. Q'eu não sou de muito comer, calquer cousa me serve.

— Os filhos mais novos?

— Estudam. A cachopa está arrumadinha. Anda por lá a ensinar. Os outros também vão, bem, graças à Senhor. A minha patroa quer q'eles estudem inté onde eles quiserem; nem q'a gente gaste tudo o que temos. O pouco q'a gente tem é deles. O mundo agora é deles. O nosso não dava p'ra comer, q'anto mais p'ra estudar!

Vinha de sachola ao ombro. Peito ao léu. Calças arregaçadas. Tamanhos nos pés.

— Vou dar uma ajuda à campo de... Adei, faço o mesmo a outros. Não m'aganto estar parado!

● A princípio supúnhamos que uma ou outra família, alojada em moradia do Património dos Pobres — mau grado a permanente subida do custo da energia — quereria permanecer à luz da vela ou do candeeiro. Sobretudo os mais velhos — que sempre viveram assim. Mas não! O morão está no ocaso, falece na alma das gentes!

— Ó se Maria, tencionamos trazer luz eléctrica para sua casa...

— Quem m'a dera cá! A gente vê-se negra p'arranjar pitrol... Temos d'andar sempre c'os palitos na mão! Q'ando s'é novo... Agora, assim, a gente vê-se negra! A luz é uma cousa muito boa!

— Mas o recibo virá todos os meses...

— Poipa-se noitras cousas...

Ao lado, porta com porta, intervém a vizinha:

— O q'ela diz, digo eu. A mim dá-me aquelas tunturas... E s'é pitrol mais tunturas me dá! A luz é o dia p'ra nós, q'as noutes são grandes e a gente num tem quem nos bote a a mão...!

Quando o electricista acabar a empreitada — e, oficialmente, cumprirem a promessa — o fio de cobre que a vão gastar, que vão dar pela baixada, em vez de empobrecer, enriquecerá os serviços municipalizados, en-

riquecerá a Nação — na pessoa dos mais pobres. Um elementaríssimo acto de Justiça Social!

● É filho de uma Madalena que fora de muitos homens. Se fôssemos perguntar nem ela saberia quem é o pai do rapaz! Mai-los irmãos, ele nasceu e cresceu em cubículo d'andrajos, com muita miséria! Tantas vezes botámos a mão para que não lhes faltasse o pão!

«Chegado o tempo, ele pensa constituir família. No caso vertente, porém, o factor casa (não referimos outros) é problema tão difícil como encontrar uma agulha no palheiro! Um dia, mai-la noiva, topam uma pequena garagem. Com ordem do senhorio, o moço pega na colher da massa; na talocha, no pincel e faz daquele buraco uma dependência (só uma!) para a privacidade do jovem casal.

— Trabalhei muito p'ra me casar! Nem ia à café nem à tasca... Trabalho muito, que tudo o q'a gente tem — inté o bragal! — é ganho c'o meu suor...

São novos. Ela, mexida. Mulher activa. Querem, porém, um lar decente:

— Nem que seja uma casa dos pobres...!

— Um dia poderias pensar em levantar a tua casa...!?

— Pode ser que sim. A gente estamos a começar... Mas, p'ra já, quem me dera, o menos, uma casa dos pobres — Património dos Pobres!

PARTILHA — Assinante 26975, da Damaia, 500\$00 «para ajuda da electrificação das moradias do Património dos Pobres, de Paço de Sousa. Desculpai ser tão pouco, mas é o que é possível». Mais 200\$00 da assinante 24025, de Lisboa. Amiga de um casal, já no seio de Deus, e muito amigo de Pai Américo, cheque de 2.000\$00 para aquela Viúva, senhora distinta a quem botamos a mão. É um lamentado idêntico aos que temos registado, a propósito da problemática da Viuvez: «Até agora — há dois anos que perdi o meu santo marido — ainda não consegui receber a pensão a que tenho direito! E também idosa (76 anos) execro essa «jaula» em que metem os que se dizem de terceira idade... Que o Senhor nos ilumine no nosso Getsemani, se o soubermos unir ao d'Ele!»

Durban (África do Sul), os 10 rands habituais: «Gostaria de poder enviar mais, mas a vida está tão difícil!... Se todos contribuíssem com uma mi-galhinha, certamente não haveria tantos Pobres sem pão e sem conforto nesta vida».

Assinante 33542, do Porto, divide por vários sectores e pela Conferência. Remanescente de contas do assinante 23479, pois «ajuda-me a retemperar a alma para fazer da vida uma contínua «aposta em Cristo» — à exemplo do que Pai Américo fez, por obras e palavras».

Alto lá! Passa, agora, um jovem — o Mundo d'amanhã. É do Porto. Aqui está:

«Tenho 20 anos, sou aluno de Medicina e filho de um assinante de O GAIATO.

No meio do egoísmo em que vivemos, e do qual não nos apercebemos muitas vezes, O GAIATO é um caminho para o amor! Permitam-me

uma pequena partilha com alguém mais necessitado do que eu.»

Este médico, amanhã, será estrela de primeira grandeza no meio dos Pobres! Assim ele cresça em graça e sabedoria, que tem um campo imenso para se dar aos Pobres; seja em clínica particular ou oficial, seja onde for. Ao longo da vida conhecemos alguns cuja acção, junto deles, dentro da sua especialidade, é o seu melhor capital! Andam às avessas dos mais — e são, por isso, os mais felizes!

Outra vez o Porto! Assinante 21709, 300\$00 «por alma de minha mãe». Dedicatórias espirituais que seguram o Mundo — pela Família! Na mesma linha, caminho a «Lecista da Figueira», que diz ter sido a mãe dela «tão boa e cheia de virtudes que a sua alma nem precisará de sufrágios». M. A. T., da capital, 500\$00 e um lamento que justifica: «Sei que é pouco, mas tenho de distribuir por mais...»

Seiça, 500\$00. O dobro de «Ninguém», em crise de fé; mas o Senhor, nosso Deus, dará a Força necessária para subir mais um degrau na escada da Vida!

Rua das Amoreiras, Lisboa, a «ajuda mensal dos últimos três meses (6.000\$00) para a senhora a quem me parece chamou «pobreza branca» e outras intenções. Vale de correio da assinante 20322. Marinha Grande, 1.000\$00 «para a Viúva jovem». O mesmo de Fundão, Amigo muito certinho — graças a Deus! Aveiro, metade.

Vale postal de Olivais-sul (Lisboa) «com destino a Viúvas pobres». M. P. de Coimbra. — tarinba de Pai Américo — 1.000\$00. O mesmo de Barcelos, cujo «destino será o que for melhor» — em louvor de Pai Américo. São legendas que nos apertam o coração! Maria Cândida, de algures, idem, para um caso referido nesta coluna. Mais idem, da assinante 5484 para entregarmos «a uma Viúva necessitada». Que bem! Vamos abrir os olhos e encarar, seriamente, a todos os níveis — agora que a Família está na ordem do dia — a gravíssima problemática da Viuvez! Uma remessa, de algures, pelo correio, com muita amizade e delicadeza. Mais um conto de réis do Porto, Av. Fernão de Magalhães. E metade «por alma de Quitéria». Mais nada.

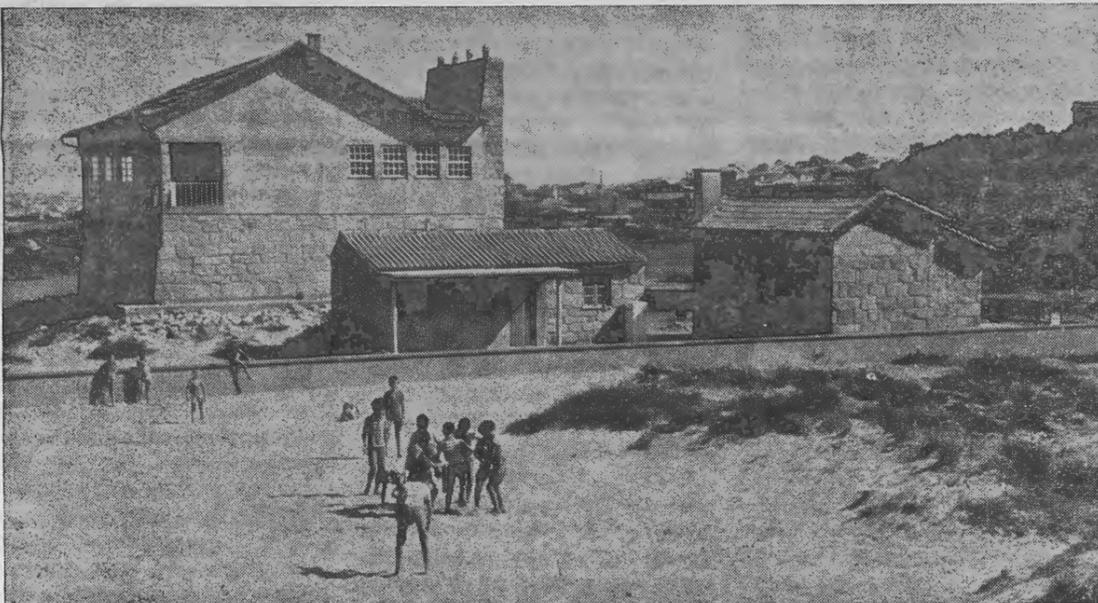
Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

FÉRIAS — Como é hábito todos os anos, por esta altura, a nossa Casa está por metade pois o resto dos rapazes estão a passar férias à beira-mar, na nossa Casa da Praia de Miranda. É notável a falta dos nossos rapazes no dia-a-dia da nossa Casa, seja nos trabalhos, nas brincadeiras ou mesmo até nas refeições que leva o nosso refeitório a ter apenas metade das mesas com rapazes.

Nota-se-lhes a falta e dão um pouco de solidão à nossa Casa de tão cheia de gente ela ter estado.



A nossa Colónia de Férias em Azurara (Vila do Conde), onde recebem todos eles os benefícios do sol, do iodo; e que, dantes, quando eram da rua..., jamais sonhariam ter!



TRIBUNA DE COIMBRA

Desde há muitos anos foi este o primeiro que não fomos falar e pedir nas igrejas da cidade de Coimbra e, agora, nas férias, não fomos pelas praias e termas desta região centro. Foi um ano de pausa e pudemos assim passar os fins-de-semana mais presentes em família.

A venda de O GAIATO feita por muitos — alguns deles briosos — geralmente bem acolhidos — e as Festas que fizemos e que nos deixam sempre a boca muito doce, são as duas melhores fontes de receita para a nossa vida.

Graças a Deus que nos vai enviando Amigos, Amigos que, quase sempre, se recomendam à nossa oração. O grupo «Os Nabitões», de Tomar, que partilhou conosco sua confraternização; cheque um nadinha pesado, em casa de senhora viúva, que vai repartindo; senhora de Lisboa, amiga de há muitos anos, veio deixar-nos lembrança e recordar-nos o

marido que o Senhor chamou, há pouco; mil, em cheque, de duas senhoras; 540\$ da Festa de Leiria; mil, mais quinhentos, mais quinhentos, mais cem, mais cem, mais cem, na Ulreia diocesana; dez mil levados ao Lar; duzentos, em carta; mil, mais quinhentos, mais mil, na Casa do Castelo.

Cinco mil, em cheque, da Figueira; quinhentos, em nossa Casa; quinhentos, de visitante; mil a vendedores, à porta da igreja; 3.320\$ da Escola n.º 9, de Coimbra; setecentos, da reforma da Tia; dois mil, de festa no Espinhal; dois mil, de Amigo que passou; mil, em vale, de Coimbra; mil, de sacerdote, na Sé Nova; 500\$, na Praia de Mira; mil, em cheque; dois mil, em cheque; mil em vale; quinhentos, em vale, de Lisboa; vale, de Vilar Formoso; dois mil, em carta, de Torres Novas; dois mil, em vale, de Coimbra; quinhentos, de Condeixa; a visita de grupos paroquiais de Vila Nova de Arcos e Alfaiates; dez mil, de

casal visitante; 2.600\$, da Festa na Mealhada.

Fomos a casa de casal buscar cinquenta e lembranças muito queridas do dito casal. Não quis trocar o valor espiritual pelo dinheiro da oferta. São relíquias que estão no coração e na alma e que se devem conservar. Que bom o dinheiro não ser ainda capaz de comprar tudo!

Mil, mais mil, mais mil, mais duzentos e muitas outras ofertas e muitas visitas na Praia de Mira; mil, em vale, de Coimbra; três mil, em cheque, de Aveiro; mil, em cheque, de Castanheira de Pera, a recordar o marido; cinco mil, de visitantes, de Leiria; 1.950\$ de meninos e familiares das Cruzes de Maiorca; 690\$, de visitante; dois mil, no primeiro aniversário de casal novo, da Lousã; mil, em vale, de Amadora; dois mil, por Médico, de Mação, que o Senhor veio buscar e que de há muito nos visitava com seus netinhos.

Mil, de anónimo, de S. Cae-

Mas todos nós precisamos de ter férias. E ter férias não é só deixar de trabalhar, mas, também e principalmente, desligarmo-nos do ambiente diário ritmado, que nos possa levar ao stress, causando não só o nosso mal estar mas também o das pessoas que nos rodeiam. É bom ter férias. Pena é que nem todos as possam ter.

AGRICULTURA — De todos os temas por nós tratados ao longo do ano nas nossas crónicas, este é o tema omnipotente.

A razão está em que a nossa Casa é uma casa de campo e devido à variedade de produtos por nós cultivados, há sempre novidades para vos contar e gostamos de dizer como e em que nós trabalhamos.

Todas as nossas produções são para consumo próprio e, por vezes, elas escasseiam, valendo-nos a boa vontade de alguns de vós, para não deixar que isso aconteça.

Assim, vamos falar-vos em que consiste o nosso trabalho agrícola: Com o calor que se começou a sentir, houve necessidade de regar as nossas culturas. Dois grupos ocuparam-se desta tarefa, regando uns o milho que já despontou, outros os pomeares e verduras, etc... Também já se pode dar uma dentada na nossa fruta, que se resume às peras, pois que as maçãs ainda estão verdes, e as ameixas já andaram. Come-se uma pera à sobremesa do almoço, e à merenda não falta o cesto cheio delas para que cada um as coma junto com o nosso pão caseiro.

Também esperamos que vós já tenhamos comido peras às vossas refeições, acompanhadas do pão por vós próprios amassado — pelo trabalho.

CASAMENTO — Este é um dos acontecimentos que mais nos alegra e nos honra: a constituição de uma nova família por um rapaz que já tenha pertencido à nossa família. Já noticiámos alguns destes casos e, desta vez, é o casamento do «Sprint»

que já tinha saído de nossa Casa, no fim da tropa.

O nosso Padre Horácio e dois rapazes foram assistir e os noivos vieram passar uns dias a nossa Casa.

Que o António José e a Maria da Conceição sejam felizes, assumindo a responsabilidade do acto que fizeram na igreja de N. Senhora da Encarnação, de Leiria.

Chiquito-Zé

Praia de Mira

Estamos no princípio do mês de Agosto, em férias, no tempo do calor, mas ao fresco, na aragem do mar.

Muitas coisas já se passaram, muitas mudanças já cá se fizeram. É caminhar para aqui e para acolá. Chegadas e idas porque o tempo não estaciona, continua.

É curioso ver como uns chegam contentes e com saudades do mar, da areia, e outros vão olhando para trás, murmurando:

— Até para o ano... — ou:

— Gostava de cá ficar mais uns tempos.

— Como o tempo passa!...

Ao pequeno-almoço, é hora de marcar os afazeres de casa: Uns vão para a copa e lavam a loiça; outros arrumam o refeitório; outros, ainda, limpam as camaratas; um rega as flores e outro limpa a casa de banho. Cada um no seu serviço. Não há criados, mas sim servidores uns dos outros. Tu fazes isto hoje, e amanhã fá-lo outro.

Mas também há um ou outro que reclama, protesta e, por vezes, senão se tem cuidado, zanga-se e ouvem-se exclamações como:

— Que raio, nem nas férias...!

— Tu vais para a copa.

— Mas eu estive ontem a amanhar o peixe...!

— Tu também.

— Arre, se não há outros para irem para lá!...

Cada um defende-se à sua maneira; são reacções do princípio, mas depois tudo acalma. Alguém tem que limpar o que sujamos.

Quando a aurora rompe e o dia começa a clarear, por volta das oito horas, começam alguns a acordar e a fazer barulho. São os sem sono que incomodam os com sono. Uns agarram num livrito de banda desenhada e vão-se entretendo; é o habitual. E se isso não acontece, temos que mandar calar e por vezes, temos mesmo que puxar uma ou outra ore-lha.

Às nove, é a hora de se levantarem, começando um a contar o que sonhou, outro a dizer que fulano falou de noite, e outro a queixar-se que o vizinho não o deixou dormir porque ressona muito. O Valdemar também nos dá notícias sobre a camarata ao seu encargo; é a camarata dos mais novos, e eles são aos quatro e aos cinco os que fazem chichi na cama!...

Há uns dias para cá tem andado por aqui um vírus que falta ao respeito aos rapazes e obriga-os a passar parte das suas férias deitados na cama. O Isidro foi o primeiro, em seguida o Valdemar, depois o «Chanax» até que estacionou no Albano. O vírus deve estar contra as nossas férias, mas não é só ele, também a chuva tem espreitado, e até o mar não nos tem deixado tomar banho, nem aos pescadores os deixa pescar, o que nos leva a estar alguns dias sem petiscar o tão saboroso peixe fresco.

E assim se vão gozando as férias na nossa Casa e agora com nova companhia: um ex-gaiato. Era chamado o «Sprint» e agora é o António José, casado há pouco tempo. Veio mais a esposa ocupar a casa dos casais que o Bandarra mais a família deviam ocupar e por várias razões ainda não o fizeram.

É a vida. Mas, mesmo assim, bom proveito para os nossos leitores e que tenham umas férias agradáveis.

Guido

UMA CARTA

«Porto, 22/7/83

Caros Amigos:

Agora, nas férias grandes, todas as migalhas são pequenas.

Queira Deus que o meu abraço de solidariedade possa ser ainda mais apertado, passados que estão apenas uns dias sobre o aniversário (há 27 anos!) da morte daquele que foi um exemplo de vivo Amor — Pai Américo — e cujas imagens retenho desde que o vi, pela primeira vez, dizer verdades, do alto do púlpito, aí pelos meus 15 anos.

Como sempre, o meu abraço anónimo...»

Padre Horácio

A reedição do livro «OBRA DA RUA»

Em épocas de expedição de livros — no caso vertente a 3.ª edição do OBRA DA RUA, actualizada — é sempre um correio diário tão cheio, tão rico, tão espumante, que tombamos vergados a explosões de Sobrenatural — diria Pai Américo!

Quanto se nos dirigem pelos postais RSF (resposta sem franquia), requisitando todas as obras da nossa Editorial (nesta avalanche esgotou O LODO E AS ESTRELAS), nem sempre se calam! Alguns resolvem mandar o postalzinho, dentão de um sobrescrito, com dedicatórias amigas, d'alma a fumar, e justificam o critério: «Assim, fica o porte dele à minha conta...» Na verdade, as taxas dos CTT voltaram a subir! Uma escalada ininterrupta, qual círculo vicioso que não há meio de serenar! Mas deixemos as coisas tristes — bem tristes! — e vamos mas é escutar os leitores do OBRA DA RUA.

Sarilhos Grandes:

«Eu sou uma jovem de 22 anos que me inscrevi como assinante de O GAIATO, que me atraiu muito pelo facto de gostar de comunicar à minha volta tudo o que nele se escreve, principalmente as mensagens de amor e caridade que nos enviou Jesus Cristo e que nos deixou, também, o nosso querido Pai Américo.

Por ter recebido o OBRA DA RUA envio esta importância que, sinceramente, não sei se é a quantia deste livro!

Os meus agradecimentos pelo quanto oferecem O GAIATO, os livros de Pai Américo, a todas as pessoas, principalmente aos jovens que os acolhem e os recebem com muito amor.»

Barreiro:

«O livro OBRA DA RUA dá-me o ensejo de conhecer melhor não só a Obra como o Autor.

Tendo desaparecido do meio dos homens, o seu espírito continua vivo e actuante, não só nas Casas e Lares do Galato, mas vindo até às nossas casas a deixar-nos uma santa inquietação por todos os que não têm casa nem pão. Creio, realmente, na Comunicação dos Santos.»

Coimbra:

«Muito obrigado a todos — tipógrafos, encadernadores, expedidores — pelo envio da 3.ª edição actualizada do OBRA DA RUA.

A palavra candente, sempre viva, sempre actual (porventura o Evangelho não contém a Palavra que é?) do santo Padre Américo; e editamentos preciosos que a História deve registar.

Tive um gosto muito grande na leitura. Praza a Deus que tenha também um proveito correspondente.»

Porto:

(...) O livro OBRA DA RUA será tema de meditação nas minhas férias, leitura calma e pausada como exige a doutrina do Padre Américo, actualíssima ainda hoje neste Mundo conturbado em que os homens procuram, em vão..., a justiça social.

Remeto um cheque — que pretendo anónimo — uma pequena migalha, contributo do meu trabalho para a difusão da doutrina social do Padre Américo, única doutrina que poderá levar à justiça social, por ser radicada na exigência evangélica.»

Ficamos por aqui, a olhar, a admirar um monte enorme de presenças que são almas grandes que transmitem Fogo — a Boa Nova — nos meios em que vivem, quais sacerdotes sem ordens sacras, Igreja viva e actuante!

Júlio Mendes

PARTILHANDO

● Agora é altura de falarmos de muitos outros casos que temos: Os pedidos de admissão que nos chegam, por todos os meios que é possível. Aqui vão dois, somente, no mesmo dia:

O primeiro diz respeito a um pequeno de nove anos que perdeu os pais e os irmãos num desastre de carro. Da morte só escapou ele; mas da boa ou má sorte Deus sabe... Entregue aos padrinhos que o estimam, começa agora a ser um pequeno terror. E a força dele começa onde a fraqueza daqueles está: idade, saúde e mimo! Aí vai o menino, torto e a crescer para a vida, sem pena de quem dele teve tanta...

Aqui, se um dia for nosso, aprenderá a ser sensível à beleza das coisas e à franqueza das pessoas, pelas mãos de quem, como ele, perdeu tudo... E ninguém gosta de perder... Só por amor!

Outro caso:

É de Luanda! Quantos outros lá não haverá nessa Angola grande e já distante — vítimas da guerra entre os homens! Este foi vítima de uma outra guerra: a da paternidade. Do pai nada se sabe, nem quem ele é! A mãe morreu na hora do parto. O pequeno está com a avó, já velhinha. Agora, res-

ta ele. A começar a vida sem nada, sem ninguém... Uma sua tia veio pedir para ele vir. Demos esperança. E ficámos com dúvidas: de tão longe e nós com a Casa cheia! É um caso nosso...

Ultimamente, por escrito, pessoalmente ou pelo telefone, os casos de abandono têm chegado quase diariamente!

Isto é um problema muito grande que se põe à nossa Casa — e a todos.

— **Arranje aí mais um cantinho para este...** — desabafa, assim, quem nos vem pedir.

O nosso «cantinho» tem limites, também!

● Temos um Amigo que vive no Porto, numa daquelas ruas estreitas do centro da cidade. Visita-nos muitas vezes para nos dar conta das suas economias em favor da nossa Casa. É sapateiro! E a oficina

é dentro de sua casa. Já para além dos setenta anos, vive só com a esposa que não lhe deu filhos e a quem dedica esta afirmação de ternura: — **Quando ela morrer eu sinto que também irei depressa...**

Sobre o seu trabalho e lucros, diz o seguinte: **«O dinheiro, até pela janela entra»**. Eis a graça da sua honestidade e economia! A pensar nos Outros, — nos que mais precisam!... Por isso, os juro do dinheiro passam de vinte para cem por cento! Isto são contas de outros bancos... Da Fé, da Eternidade...

Aos seus amigos ateus, ele esclarece assim: — **Se eu acredito em Deus, digo que Ele existe, e ao morrer se lá não O encontrar, nada tenho a perder. O contrário é que é uma «encravada»...**

Assim é este nosso Amigo que, desde os pontos que dá nos

sapatos até ao repartir das economias materiais e espirituais, aprendeu a lição da Vida! Pobre por causa dos Pobres! De sapateiro, apenas a profissão... Mais nada.

● Fui há dias depositar dinheiro ao Banco. Um dos funcionários atende-me e, com amabilidade, ajuda-me a preencher papéis. Outro seu colega interrompe-nos, para perguntar de quem era uma assinatura com o nome x. **«É do nosso patrão...»** — respondeu o senhor que me atendia.

— **Nem conheço o meu patrão...** — desabafou com ar triste, aquele outro funcionário. Patrão, aqui, não significa o mesmo que dono, mas sim administrador ou director.

Entretanto, porque eu achava graça àquele diálogo tão

simples como estranho, o senhor que me estava a atender, tenta esclarecer-me: **«As nacionalizações são bonitas, mas sofrem desta desumanização...»** É verdade. Não se conhece nem o nome de quem manda, nem a pessoa. Daí, aquele ar triste, quase envergonhado, deste trabalhador desumanizado. O trabalhador e as relações humanas são impessoais, assim! Quem trabalha precisa de estímulos mais fortes do que o ordenado ao fim do mês! Precisa de ser conhecido, estimado, orientado por quem, acima de si, também serve pelo difícil trabalho de mandar. Isto não se inventa. Vive-se!...

Aqui fica este caso de desumanização que eu também senti!

Padre Moura

Retalhos de vida

«Pestanas»



Chamo-me Paulo Alexandre, mais conhecido por «Pestanas»

Sou natural de Caxias. Somos quatro irmãos e uma irmã.

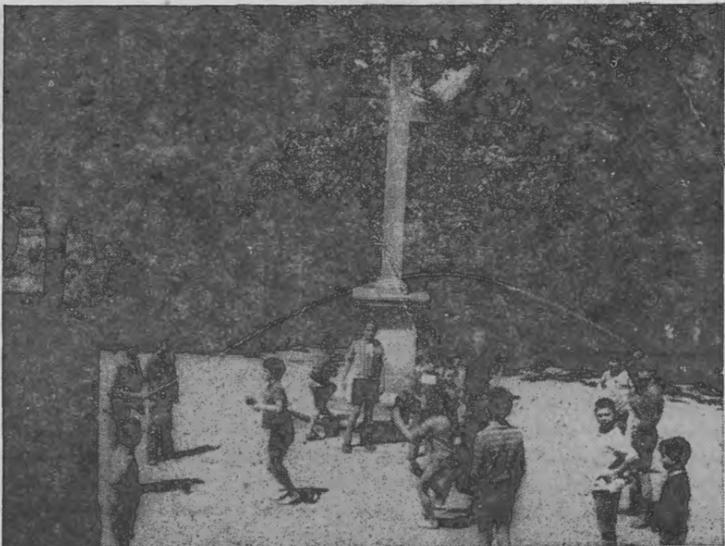
Éramos quatro irmãos, todos cá na Casa do Gaiato do Tojal, mas um fugiu. Agora estamos só três e continuamos felizes. Ele fugiu e foi para casa dos meus tios.

Eu vim para cá no dia 22 de Maio de 1977 por causa do meu pai que fugiu da minha mãe.

Os meus dois irmãos mais velhos, que já cá estavam, viram que eu e o meu irmão estávamos mal e disseram ao sr. Padre Luís que estávamos mal. O sr. Padre e mais um gaiato, que hoje já está casado, foram-nos lá buscar.

É um pouco da história da minha vida que ofereço aos leitores do nosso jornal com muito carinho.

Paulo Alexandre



O eruzeiro, eles e a corda. É a hora do recreio.

DOCTRINA

● A gente tem a paixão do turgório e queima as asas dentro dele, na vida de quem lá mora, como fazem as borboletas contra a luz das candéias.

— Meu senhor, mas eu nunca lhe fiz nenhum bem nem posso jamais retribuir tudo quanto me tem feito!

Ouvimos e saímos a murmurar a mesma prece ao Deus Invisível e Imortal, usando as mesmas palavras e sofrendo a mesma confusão do Pobre que deixamos ficar.

● Dar às escondidas, a quem não pode retribuir nem sequer agradecer, é um acto perfeito de amor de Deus. É ter conhecimento profundo de que é no bem que fazemos aos mais que Ele faz todo o bem à nossa alma.

● Somente alcança misericórdia aquele que por misericórdia se compadece da sorte dos Irmãos pobres. Isto chama-se Caridade.

● A Caridade não se falsifica, como se não falsificam os elementos da Natureza. Ela é aquilo que é — fonte da Vida. Ela é já Vida de quem a pratica.

O. Amín. 5!

DELINQUÊNCIA DE MENORES discutida em Seminário

Cont. da 1.ª pág.

Vamos agora à incoerência (e falta de coesão) entre as várias partes do sistema social em que vivemos. Grita-se de um lado: «A delinquência de Menores atinge proporções assustadoras!» Outros sectores vão promovendo a degradação: É a TV, é o cinema, é essa literatura de menos que cordel que dá pelo nome de «histórias aos quadrinhos» com toda a gama de violências e imoralidades; é a licenciosidade dos costumes consentida em nome da liberdade.

Vamos a um sector ainda mais responsável, o da Educação. Nos meus tempos de menino o Ministério respectivo chamava-se, modestamente, da Instrução. Agora — há muito, já! — chama-se da Educação. Qual o panorama?

«Na opinião dos participantes (no referido Seminário) —

reporto-me à notícia do matutino — as turmas com muitos alunos e o simples despejar de saber nas aulas, causam o desinteresse aos alunos e motiva-os para a rua». É uma opinião crítica bem dura, infelizmente não de todo injusta.

Por outro lado, é sabido que «as Escolas ocupam poucas horas por dia e apenas durante alguns meses». E também «que os pais ocupam geralmente grande parte do dia nos empregos, restando ao Menor a rua, onde ele encontra a delinquência».

Aqui temos um retrato que quem dera fosse mal focado, mas não é, da desconexão vigente entre sectores da vida nacional que agem, cada um para seu lado, sem se integrarem, como devia ser a nível governamental, para a resposta eficaz a males que ferem o corpo vivo da Nação, justamente na sua parte mais frágil que é a

infância e juventude, do que resultam núvens ainda mais negras sobre o futuro.

Diante destas premissas acima postas, os participantes neste Seminário pronunciaram em grito de conclusão: «Assim, foi unânime o apoio à proposta de criação de ocupações para os tempos livres das crianças, bem como a sua participação em trabalhos de equipa de utilidade escolar ou social. E foi salientada a necessidade de que seja implantada a formação escolar e profissional, a reintegração social no caso de delinquentes e à busca do primeiro emprego».

Oxalá haja quem os oiça e não tenha sido só uma sessão de estudos, mais um congressozinho em «passos perdidos», este Seminário no Centro de Estudos Judiciários.

Padre Carlos

Maestro MIGUEL DE OLIVEIRA

Esta Família, nascida em nome de Jesus, vive desde o seu nascer do somatório da colaboração de muitos Irmãos nossos, de muitos Amigos, que ao longo dos anos nos vão ajudando das mais diversas formas.

Queremos hoje recordar um deles, a quem o Senhor chamou para junto de Si: O maestro Miguel de Oliveira, que ao longo de muitos anos orquestrou as melodias que alegraram os encontros realizados nas Festas da Casa do Galato de Paço de Sousa — pelo norte do País.

Ao recordá-lo, juntamos no nosso pensamento todos os nossos Amigos que o Senhor já chamou para a Eternidade.

Padre Abel

Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Chefe de Redacção: Júlio Mendes